

Comunicação oral: **Territórios juvenis – o rural e o urbano**

EXPECTATIVAS DE PERMANÊNCIA E SATISFAÇÃO DOS JOVENS EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO AMAZÔNICAS

Marcelo Gustavo Aguilar Calegare – INPA

Maria Inês Gasparetto Higuchi – INPA

Camila Carla de Freitas – INPA

Na Amazônia como em muitas outras regiões do Brasil onde houve a transformação de terras tradicionalmente ocupadas para unidades de conservação, a vida das pessoas que vivem nessas localidades sofreu severas mudanças, não apenas no uso da terra e dos recursos naturais, mas também na estabelecida organização social e expectativa de futuro. O que antes era conhecido e seguro passa a ser inédito e inseguro pelo conjunto de novas normas e mal compreendidas mediações. Nesse cenário, até então previsível, como esses moradores observam as expectativas de futuro para os jovens que vivem nesses lugares? Estariam os jovens satisfeitos em morarem nessas localidades? Apresentamos nesse trabalho resultados desse questionamento junto a duas unidades de conservação do estado do Amazonas: RESEX Auati-Paraná e RESEX do rio Jutai – ambas localizadas na mesorregião do alto Solimões, na porção sudoeste do estado. Por meio da revisão dos relatórios técnicos, teve-se como foco principal analisar as informações referentes à atribuição de expectativa de futuro e níveis de satisfação dos jovens em morar nas comunidades. Constatou-se que em ambas localidades os jovens têm predileção pela vida comunitária, seja pela tranquilidade e liberdade, facilidade em obter alimentos, sentimento de apego ao lugar, como pela convivência com a família e amigos. Por outro lado, os aspectos negativos se referem a precariedade do ensino escolar, pois há falta de professores e ausência de incentivos educacionais. Além disso, os jovens se sentem distantes de oportunidades de lazer e das inovações que estão presentes na cidade. A expectativa de ocupação rural, que até então se mostrava uma alternativa segura, já não aquietava o anseio de uma vida futura estável. Mesmo compreendendo os perigos e violências próprias da cidade, esta opção tem sido uma possibilidade cada vez mais presente entre as famílias e os próprios jovens. Essa mobilidade forçada pelas contingências centradas em fundamentos de proteção ambiental tem dado origem a conflitos de ordem social junto às famílias, que vivem há décadas nesses lugares e faziam previsões estáveis de futuro nessa terra. Discute-se assim esses processos de transformação psicossocial diante das mudanças do território em unidades de conservação ambiental.

Palavras-chave: comunidades ribeirinhas amazônicas; êxodo rural; jovens.